

JOSÉ LINS
DO REGO
PEDRA
BONITA



JOSÉ
OLYMPIO

MANUAL DO PROFESSOR

JOSÉ
OLYMPIO

José Lins do Rego

PEDRA BONITA

MANUAL DO PROFESSOR

JO
JOSÉ
LINS DO
REGO

Elaboração do manual:

Cristiane Madanêlo

Mestre em Literatura Brasileira e Professora de
Pós-graduação em Literatura Infantil e Juvenil e
Ensino de Língua Portuguesa.

Título	Pedra Bonita
Páginas	352
Autor (a)	José Lins do Rego
Idioma	Língua Portuguesa
Categoria	6
Tema (s)	Cidadania; Diálogos com a Sociologia e a Antropologia
Gênero Literário	Romance
Interdisciplinaridade	História, Geografia, Sociologia

Em termos literários, considera-se romance a narrativa ficcional mais longa, constituída de várias situações dramáticas. Surgido no século XVII, alinhado aos ideais burgueses, passou por mudanças ao longo do tempo. Mantém-se como uma sequência de fatos narrados, em capítulos, por uma voz e vividos por personagens, em determinados espaço de tempo e lugar.

Conversa com o Professor

Caro professor, quando o nome José Lins do Rego é mencionado, as primeiras obras que vêm à cabeça e que figuram nos livros didáticos são *Menino de engenho* e *Fogo morto*. Entretanto a produção literária desse escritor polígrafo inclui crônicas esportivas, crítica literária, além de outros romances que não integram o ciclo da cana-de-açúcar.

Então, que tal conhecer outra vertente da escrita de José Lins do Rego? *Pedra bonita* (1938) é o 7º romance do escritor e propõe um mergulho no sertão e seus habitantes. A presença de cangaceiros e do fanatismo religioso são elementos importantes nesse cenário que, pelo fio narrativo e memorialístico de Zé Lins, incorporam-se a um evento histórico trágico ocorrido em Pedra Bonita, no ano de 1838.

O ritmo da narrativa é fluente e dividida em 28 capítulos. Essa viagem pelo sertão paraibano, em toda sua complexidade e beleza, revela-se muito atual, sobretudo por conta dos jogos políticos e de poder presentes. Guiada por um mediador preparado, a potencialidade deste romance ganha ainda mais força. Vamos lá?

Quem escreveu a história

Paraibano nascido no engenho Corredor, José Lins do Rego Cavalcanti veio ao mundo ainda sob o manto da riqueza canavieira, no ano de 1901. Com a perda da mãe, aos 2 anos, mudou-se para a casa do avô materno, João Paulino, senhor de oito engenhos e também a referência mais importante na vida do escritor.

Movido por escrever a história desse avô, resolve ingressar no mundo das letras. Influenciado pela amizade com Gilberto Freyre, fez contato, durante a Faculdade de Direito, com a nata dos escritores locais. Após se formar, mudou-se para Maceió, onde atuou como colaborador do *Jornal de Alagoas* e passou a fazer parte de um grupo que tinha entre seus membros Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. Ligado ao Centro Regionalista do Nordeste, desenvolve sua escrita despojada, de fortes traços locais e de ritmo oral, comprometido com elementos populares da cultura brasileira.

A vivência no engenho do avô enriqueceu a construção narrativa sobretudo dos títulos que integram o ciclo da cana-de-açúcar: *Menino de engenho* (seu primeiro romance), *Doidinho*, *Banguê*, *O moleque Ricardo* e *Usina*. Em nota na primeira edição deste último romance, José Lins do Rego afirmou que “o romancista é um instrumento de forças que se acham no seu

interior”. Como uma marca de seu estilo, o olhar do escritor paraibano capta a vida nordestina e registra as fortes transformações pelas quais passa o nordeste do país naquele momento, com o declínio do ciclo da cana-de-açúcar.

Já casado, em 1935 muda-se para o Rio de Janeiro com a família e acarioca-se tanto que vira fervoroso torcedor do Flamengo. Desempenhou, junto ao clube do coração, funções administrativas, inclusive como presidente (1939-1944). Essa fervorosa paixão, mais no final da vida, o fez receber uma restrição médica para não acompanhar os jogos do time do coração.

Zé Lins, como era chamado, publicou mais de 1.500 crônicas esportivas na coluna “Esporte e vida”, do *Jornal dos Sports*. Para isso, alimentava-se do cotidiano da cidade, matéria essencial para esse gênero narrativo, em seus almoços na confeitaria Colombo e nas animadas conversas com os amigos na José Olympio.

Eleito em 1955 para a Academia Brasileira de Letras, quebrou o protocolo da instituição ao fazer críticas a seu antecessor no discurso de posse. Essa irreverência e a mania de dar apelidos às pessoas são algumas facetas desse ser humano a quem alguns críticos atribuem a responsabilidade de integrar uma nova forma de escrever narrativas, com base na oralidade.

Jornalista, crítico literário, romancista, cronista e apaixonado por futebol, o escritor faleceu de cirrose hepática em 1957, deixando imortalizado um vasto legado literário traduzido para vários idiomas e adaptado cinematograficamente.

Mergulho no livro

Em relação à própria obra, o escritor propõe uma divisão temática dos romances em três ciclos: cana-de-açúcar, cangaço, misticismo e seca e obras independentes. *Pedra Bonita* (1938), concebido durante o período em que o escritor viveu no Rio de Janeiro, integra o “Ciclo do cangaço, misticismo e seca”, juntamente com *Cangaceiros* (1953). Em ambas as narrativas, diferentemente daquelas que integram o “Ciclo do açúcar”, ganham projeção as figuras de heróis e santos fora da lei.

Publicado depois que o escritor já havia conquistado certo prestígio no mundo das letras, a obra ficcional revisita (100 anos depois) um evento histórico de fanatismo religioso na região de Pedra Bonita. Convém ressaltar que o ritual em si não é o ponto central, não se constituindo, portanto, em romance histórico.

Quanto ao enredo, uma voz narradora conta a história do menino Bentinho, nascido nos sertões, que foi tirado desse espaço e deixado pela mãe aos cuidados de Padre Amâncio. Persegue o protagonista o estigma de ser irmão de cangaceiro (Aparício), o que o faz retornar a Pedra Bonita num processo de autoconhecimento. Frente a muitas dúvidas, ele precisa escolher se segue o caminho do irmão ou do tio Amâncio. Nota-

-se, assim, que ser cangaceiro é uma opção de futuro nessa região que castiga tanto seus habitantes.

Para construir a trama, parte-se do presente (futuro em relação ao evento), tendo o protagonista Bento Vieira para atar essas duas pontas do tempo. Da mesma forma que o passado é revelado aos poucos a Bento, os leitores são levados a ter a mesma experiência durante a leitura.

Conforme articulação entre espaço e tempo, divide-se a obra em duas partes: “A vila do Açú” (10 capítulos) e “Pedra Bonita” (18 capítulos). Na primeira parte, Açú e seus habitantes são apresentados aos leitores, numa trama com várias personagens, como a tríade dos mandachucas (Major Evangelista, Coronel Clarimundo e Dr. Juiz Carmo) e as sonoras beatas (D. Auta e D. Francisca). Somam-se a essas personalidades seres comuns, como o escrivão, o sacristão, o contador de casos e o violeiro. Os membros desse microcosmo vão tendo suas personalidades reveladas aos poucos no decorrer dos acontecimentos, de forma a não cansar o leitor com longas descrições pontuais.

Assim, o sertão da Paraíba é o grande pano de fundo dos acontecimentos e, nas palavras de José Lins do Rego, ganha descrições minuciosas de quem o conhece muito bem. Para além dos adjetivos, sujeitos, histórias, credices, cores, cheiros, hábitos familiares e muito mais garantem uma vitalidade a essa caracterização espacial. Observa-se esse poder de descrição no início do 1º capítulo da 2ª parte do romance, dedicado à caracterização da propriedade de Bento Vieira, ao pé da serra do Araticum. Num parágrafo que ocupa quase a primeira página inteira, os vários períodos curtos ajudam a pintar esse espaço em que “as coisas seriam como as pessoas” (p. 148).

A temática da religiosidade está fortemente enraizada no solo da Pedra Bonita e no passado sombrio. Assim, a insanidade religiosa é o mote para serem problematizados os perigos da superstição e, sobretudo, da violência advinda da ignorância e não da fé. O fenômeno do messianismo está além do limite geográfico de Pedra Bonita, pois José Lins do Rego revela o quão forte é essa questão para todo o sertão. De fato, as condições climáticas desfavoráveis secam safras e pessoas. Em meio a tanto desalento, uma crença fervorosa e cega emerge como fio de esperança.

Igualmente forçados pelas adversidades locais, os cangaceiros, em bando, invadem o Açu e desafiam autoridades, numa manifestação de poder. Sem ser redutor a meros maniqueísmos de bem e mal, o escritor garante aos cangaceiros densidade e conflitos que, se não justificam seus atos, ao menos explicam. Para eles, a realidade também é dura, como atesta a conversa entre Aparício e Domício (p. 156). Apesar de sua importância, funcionam como elementos secundários diante do enfoque dado ao messianismo local. Podem, desse modo, ser considerados mais um produto desse contexto adverso.

No âmbito da linguagem, concentra-se uma das potências dessa obra, em que se revela a fala popular não apenas nos diálogos entre as personagens, mas também na fluência e seleção vocabular da voz narradora em 3ª pessoa. São comuns expressões coloquiais como “qual nada”, formas verbais oralizadas tais quais “tou” (estou) e “vê” (ver), além do frequente uso do advérbio “aí”. Essa descontração costurada no registro coloquial aproxima não só o narrador das personagens, mas também do leitor, como se fosse uma descontraída conversa.

Quando a narrativa abre espaço para retratar o fluxo do pensamento das personagens, os parágrafos são grandes, como que para o próprio leitor experienciar aquele turbilhão de ideias, como se pode conferir ao longo do capítulo 9 da segunda parte. O emprego de discurso direto garante mais dramaticidade à narrativa, por dar voz às personagens diretamente. Um bom exemplo disso é a descrição da invasão policial à propriedade dos pais de Aparício, sendo estratégica a escolha por dar voz a Sinhá Josefina (p. 172-173).

Com enorme potencial, *Pedra Bonita* tem desdobramentos no romance *Cangaceiros*, que o sucede e integra o mesmo ciclo. Fica a dica para se empreender um novo mergulho no universo do sertão.

Pré-leitura

- 1) Explorar o rico material informativo de que dispõe esta edição ajuda a nortear a leitura do romance.

Para saber mais sobre o autor, seria bom ler previamente a biografia escrita por Benjamin Abdala Jr. (p. 319-326), que relata as dificuldades de infância, a paixão pelo futebol, em especial o Flamengo, entre outras coisas.

Para aguçar mais o olhar sobre o romance, o texto introdutório de Paulo Rónai insere a obra e suas personagens no complexo universo ficcional do modernista José Lins do Rego.

- 2) Exibir o programa “José Lins do Rego: engenho e arte” que integra a série “Mestres da Literatura” (disponível gratuitamente no Domínio Público) para os estudantes conhecerem um pouco mais sobre a vida e a obra do escritor. O vídeo tem aproximadamente 30 minutos, podendo ser usado em menos de um tempo de aula.

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=99992

Como desdobramento desse momento, pode-se pedir aos estudantes que registrem por escrito o que mais

chamou a atenção no vídeo para, posteriormente, gerar um debate à luz da análise do romance.

- 3) Pesquisar no livro didático e/ou na internet sobre o chamado romance ruralista que caracterizou a geração de 1930 do Modernismo, em que figuram também Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Érico Veríssimo. Vale destacar que essa multiplicidade de olhares favorece a montagem de uma espécie de mapa de um Brasil multifacetado, com problemas semelhantes em quase todas as regiões representadas por esses escritores.

Como um trabalho mais amplo, pode-se escolher uma obra de cada escritor e atribuir uma leitura por grupo. Ao final, partindo de parâmetros preestabelecidos num roteiro de análise, pode-se montar um grande mapa do Nordeste em que cada obra e escritor sejam dimensionados.

- 4) Sendo o espaço um fator importante na obra do escritor, dado o título, convém situar o aluno previamente no sertão real e ficcional. Enriquecerá bastante a discussão se for estabelecido um paralelo entre o sertão narrado por Euclides da Cunha e Guimarães Rosa em suas produções literárias.
- 5) Promover uma pesquisa, em parceria com o professor de História, sobre evento ocorrido em Pedra Bonita — local de peregrinação que esteve envolvido num emba-

te entre fanáticos e polícia — que serve de cenário para a construção do romance. Após essa atividade, problematizar com os estudantes a nota inicial do romance que se refere ao evento histórico.

Pós-leitura

- 1) Utilizar o discurso de posse do escritor, notadamente a parte inicial em que trata da importância e do papel da Academia Brasileira de Letras e seus membros, para problematizar as colocações feitas. Para tanto, podem servir de base as características pessoais do escritor, descritas no próprio discurso e na apresentação de Paulo Rónai.
- 2) Dividir os capítulos da obra entre os estudantes a fim de construir um glossário das palavras regionalistas, com apoio do dicionário. A partir desse resultado, podem ser discutidas questões específicas de variação linguística diatópica (no espaço geográfico). O mesmo capítulo pode ser explorado também como fonte para observar as marcas de oralidade presentes tanto nas falas das personagens, quanto nas palavras do narrador.
- 3) Como *Pedra Bonita* retrata a realidade do cangaço, pode-se promover uma pesquisa sobre essas figuras tão controversas e marcantes para a cultura nordestina. Conhecendo um pouco mais sobre Lampião, cangaceiro-mito, pode-se pedir aos estudantes que estabeleçam

um paralelo entre ele e as personagens do romance envolvidas com o cangaço.

Para enriquecer a atividade, pode-se promover também uma sessão de filmes sobre o tema, sucedida de debate, em integração ou não com professores de História, Geografia e Sociologia.

- 4) Subjacente aos acontecimentos narrados, a condição feminina da época eclode em várias figuras importantes. A partir de um mergulho nessas personagens, pode-se construir coletivamente um levantamento das condições dessas mulheres, a fim de problematizar o sistema patriarcal e sua força no Nordeste brasileiro.
- 5) A literatura de cordel é uma importante forma de expressão do nordeste do Brasil. A fim de valorizar mais esse gênero textual, pode-se escolher com os estudantes um ou mais eventos para serem adaptados para cordel. É importante que, previamente, sejam apresentadas as características principais desse tipo de literatura. Existe farto material para consulta no site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (<http://www.ablc.com.br>). Pode-se integrar esta atividade à disciplina de Artes, sobretudo para o momento de confecção dos livros.
- 6) A partir da leitura de fragmentos de *Os sertões* de Euclides da Cunha, estabelecer um paralelo entre a figura de Antônio Conselheiro e João Antônio. Tal aproxima-

ção pode ser ampliada interdisciplinarmente, com apoio do professor de História.

- 7) O romance *Fogo morto* (1943), considerado uma síntese da obra de José Lins do Rego, ganhou uma adaptação cinematográfica em 1976 de mesmo nome, dirigida por Marcos Faria. Apesar de ser um filme antigo, a duração de 88 minutos viabiliza sua exibição em dois tempos de aula e pode ajudar os estudantes a conhecer um pouco mais sobre a temática açucareira, tão importante para a obra do escritor.

- 8) A oralidade é uma marca muito forte na poesia do cearense Patativa do Assaré, também memorialista. A partir da leitura, em voz alta, de poemas do autor, ressaltar a presença do ritmo e da oralidade nos versos. Estabelecer um paralelo entre essas marcas literárias e a voz do narrador de *Pedra Bonita*, que impõe ritmo à leitura do romance.

Como subsídio para conhecer mais, o filme *Patativa do Assaré — ave poesia* de Rosemberg Cariry, é facilmente encontrado na internet.

- 9) Dividir o grupo em 2 e considerar a leitura das conversas embaixo da tamarineira e após a missa. À luz desses eventos, cada grupo fica responsável por montar e apresentar um quadro sobre os costumes e valores dos homens e mulheres da vila do Açú e apresentar.

Cabe ao professor aproveitar essas considerações para favorecer um debate acerca dos papéis sociais de gênero naquela época e localidade. Pode-se, inclusive, estabelecer um paralelo com a atualidade.

- 10) Estabelecer uma comparação entre as atitudes das personagens cangaceiros e policiais. Para deixar mais clara tal aproximação, devem ser levadas em consideração atitudes como ações violentas, desrespeitos e brutalidades. Ajudará nessa compreensão mais global observar quem sofre as consequências desses atos e a que interesses tais procedimentos estão atendendo.

A fim repensar a realidade contemporânea, vale elencar agentes de ações violentas nas grandes cidades, como traficantes, e problematizar mais a fundo a condição dos milicianos.

- 11) Escolher um capítulo da segunda parte do livro para que os alunos observem como se estabelecem, na estrutura narrativa, os recursos de ritmo para reproduzir o fluxo do pensamento. Podem ser indicados o tamanho dos períodos, a pontuação empregada, a presença ou não de conectivos, a escolha dos verbos, entre outros recursos.
- 12) Com auxílio do professor de Sociologia, pode ser feita uma pesquisa na internet de eventos violentos, inclusive guerras, ligadas a princípios religiosos.

Munidos desse material, analisar o que move tais pessoas e relacionar com o que moveu os fanáticos para a Pedra do Reino.

É uma excelente oportunidade para se trabalhar a intolância religiosa, inclusive como crime.

- 13) A partir de pinturas de Cândido Portinari, observar como esse artista modernista capta a essência do Nordeste brasileiro em suas obras. Estabelecer uma relação entre as figuras humanas descritas em palavras por José Lins do Rego e retratadas artisticamente nos quadros de Portinari.

Com certeza, uma integração com a Disciplina de Artes enriquecerá bastante esse cotejamento.

Muitos quadros de pintores modernistas que retratam cenários do Nordeste integram o quadro permanente do Museu Nacional de Belas Artes, no Centro do Rio de Janeiro.

Interdisciplinaridade

Interdisciplinaridade é um conceito dos meados da década de 1960, surgido na França, a fim de atender a reivindicações de ordem social, política e econômica que não encontravam respostas em uma única área de saber ou disciplina. No Brasil, a interdisciplinaridade aparece nas últimas Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Nacional (PCNs).

Apesar de ser um conceito bastante conhecido atualmente, ainda encontramos resistência, aqui e ali, na utilização de métodos interdisciplinares em suas rotinas. O trabalho interdisciplinar exige planejamento coletivo, a fim de abarcar conteúdos e atender a objetivos de interesse de mais de uma disciplina. Sendo assim, o diálogo com as disciplinas de História e Sociologia favorece uma travessia ainda mais enriquecedora pelo universo de José Lins do Rego.

Pedra Bonita, como um romance regionalista, é fruto da produção das décadas de 1930-60 no Brasil, atribuindo especial destaque à dimensão cultural local. Essas especificidades fortalecem a relação entre História, Geografia Sociologia e Literatura.

Dada a importância histórica e para a construção da narrativa, o messianismo pode ser mais aprofundado em parceria com a disciplina de História. Mantendo as especificidades,

pode-se aproximar o evento de Pedra Bonita e a Guerra de Canudos, retratada por Euclides da Cunha em *Os sertões*. A partir daí, podem ser levantadas figuras de padres e beatos que mobilizam multidões no Brasil. Um paralelo entre os fanáticos mais radicais e os homens-bomba pode ser costurado, alinhando também o fenômeno da flagelação, comum em algumas doutrinas religiosas.

Como o sertão é bastante importante nos romances dos modernistas da geração de 1930, é crucial entender melhor esse espaço que, por sua aridez, é determinante das ações humanas. Assim, uma análise mais minuciosa dos aspectos do relevo e da vegetação nos dois espaços dimensionados no romance ampliará sobremaneira a percepção do trabalho do ficcionista.

A figura do cangaceiro, em sua complexa constituição, revela-se um ótimo objeto de um estudo sociológico, ainda mais na perspectiva que José Lins do Rego atribui a ele no romance. Outro potencial a ser explorado são as relações de gênero e a, ainda vigente, presença de valores do patriarcalismo associada à figura do nordestino.

Para saber mais...

Neste item sugerimos uma lista de livros para auxiliá-lo na sua imersão no universo ficcional e real de José Lins do Rego.

BIBLIOGRAFIA

Do autor:

Menino de engenho (1932). Rio de Janeiro: José Olympio.

Riacho doce (1939). Rio de Janeiro: José Olympio.

Fogo morto (1943). Rio de Janeiro: José Olympio.

Cangaceiros (1953). Rio de Janeiro: José Olympio.

Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas (2008). Seleção, organização e notas de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.

Sobre o autor e o romance regionalista:

BOSI, Alfredo. "José Lins do Rego" in *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1982.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 7. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1985.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

CHAGURI, Mariana M. *O Romancista e o Engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 30*. São Paulo: Anpocs/Hucitec, 2009.

COUTINHO, Edilberto. *O romance do açúcar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

Webliografia:

Biografia de José Lins do Rego elaborada pela Academia Brasileira de Letras

<http://www.academia.org.br/academicos/jose-lins-do-rego/biografia>

Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-lins-do-rego/discorso-de-posse>

Site do domínio público com o vídeo “José Lins do Rego: engenho e arte”: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=99992

Site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel: <http://www.ablc.com.br>

